

Maio Cinza: o que os tumores cerebrais na infância nos ensinam sobre o tempo do diagnóstico

Por Sidnei Epelman

Existe algo particularmente desafiador nos tumores cerebrais na infância: eles raramente chegam com alarde. Ao contrário de outras doenças que se impõem de forma mais evidente, os tumores do sistema nervoso central costumam se insinuar aos poucos.

Uma dor de cabeça que parece comum, um cansaço que se prolonga, uma mudança de comportamento que, à primeira vista, pode ser atribuída ao crescimento, à escola, ao cotidiano, dificuldades de equilíbrio, mudanças visuais ou regressões no desenvolvimento, especialmente nos mais pequenos. São sinais que não gritam e, justamente por isso, muitas vezes não são ouvidos a tempo.

No consultório, essa é uma das histórias que mais se repetem. Não a de um sintoma isolado, mas a de uma sequência de pequenas mudanças que, juntas, passam a desenhar um quadro mais complexo. E é nesse intervalo, entre o primeiro sinal e a investigação adequada, que mora um dos maiores desafios da oncologia pediátrica.

Os tumores cerebrais estão entre os mais frequentes na infância, ao lado das leucemias. No Brasil, o Instituto Nacional de Câncer (INCA) estima cerca de 7.560 novos casos de câncer infantojuvenil por ano no triênio mais recente, e as neoplasias do sistema nervoso central figuram entre os principais diagnósticos nessa faixa etária.

Ainda assim, seguem sendo, em muitos aspectos, subestimados no reconhecimento inicial. Isso acontece porque seus sintomas variam de acordo com a área do cérebro afetada e, na maioria das vezes, são inespecíficos. Não existe um padrão único. Existe, sim, uma evolução e é ela que precisa ser observada com atenção.

Na prática, quem primeiro percebe que algo não está bem não é o médico. São os pais, os cuidadores, muitas vezes os professores. São eles que notam que aquela criança não está mais exatamente como antes. E essa percepção, que às vezes é intuitiva, mas profundamente legítima, não deve ser negligenciada.

Há um conceito importante na medicina que, no contexto do câncer infantojuvenil, ganha ainda mais peso: o tempo biológico da doença não espera o tempo das dúvidas. Tumores cerebrais podem evoluir de forma silenciosa, mas progressiva. E cada semana de atraso na investigação pode impactar o prognóstico.

Nos últimos anos, avançamos muito no tratamento dos tumores do sistema nervoso central. Hoje, contamos com abordagens cada vez mais precisas, que combinam cirurgia, quimioterapia e radioterapia, com a inclusão de avaliação genômica e molecular, de forma individualizada. Em muitos casos, conseguimos não apenas tratar, mas preservar funções essenciais e qualidade de vida.

Mas nenhum avanço terapêutico substitui o valor do diagnóstico precoce. É preciso também reconhecer que o desafio não está apenas na identificação dos sintomas, mas no acesso ao cuidado. No Brasil, ainda convivemos com desigualdades importantes na jornada dessas

crianças, desde o primeiro atendimento até a chegada a um centro especializado. E, em oncologia pediátrica, o tempo entre suspeita e tratamento não é um detalhe, é um determinante.

Falar sobre tumores cerebrais na infância, portanto, não é apenas falar sobre uma doença. É falar sobre percepção, escuta, o olhar atento para aquilo que foge do padrão, sobre não naturalizar sintomas persistentes e, sobretudo, sobre garantir que toda criança tenha a chance de ser avaliada no momento certo.

O Maio Cinza cumpre um papel essencial ao trazer esse tema para o centro da conversa. Mas o que realmente muda desfechos acontece no cotidiano, na atenção aos sinais, na valorização das pequenas mudanças e na decisão de investigar quando algo não parece bem.

Porque, muitas vezes, no câncer infantojuvenil, não é a intensidade do sintoma que importa. É a sua persistência. E reconhecer isso pode fazer toda a diferença.